

DOSSIER
BANDOS ARMADOS

*Era considerada uma base
inexpugnável até ao dia em que...*

MAMBYILI:

O TIGRE ERA ERA DE PAPEL

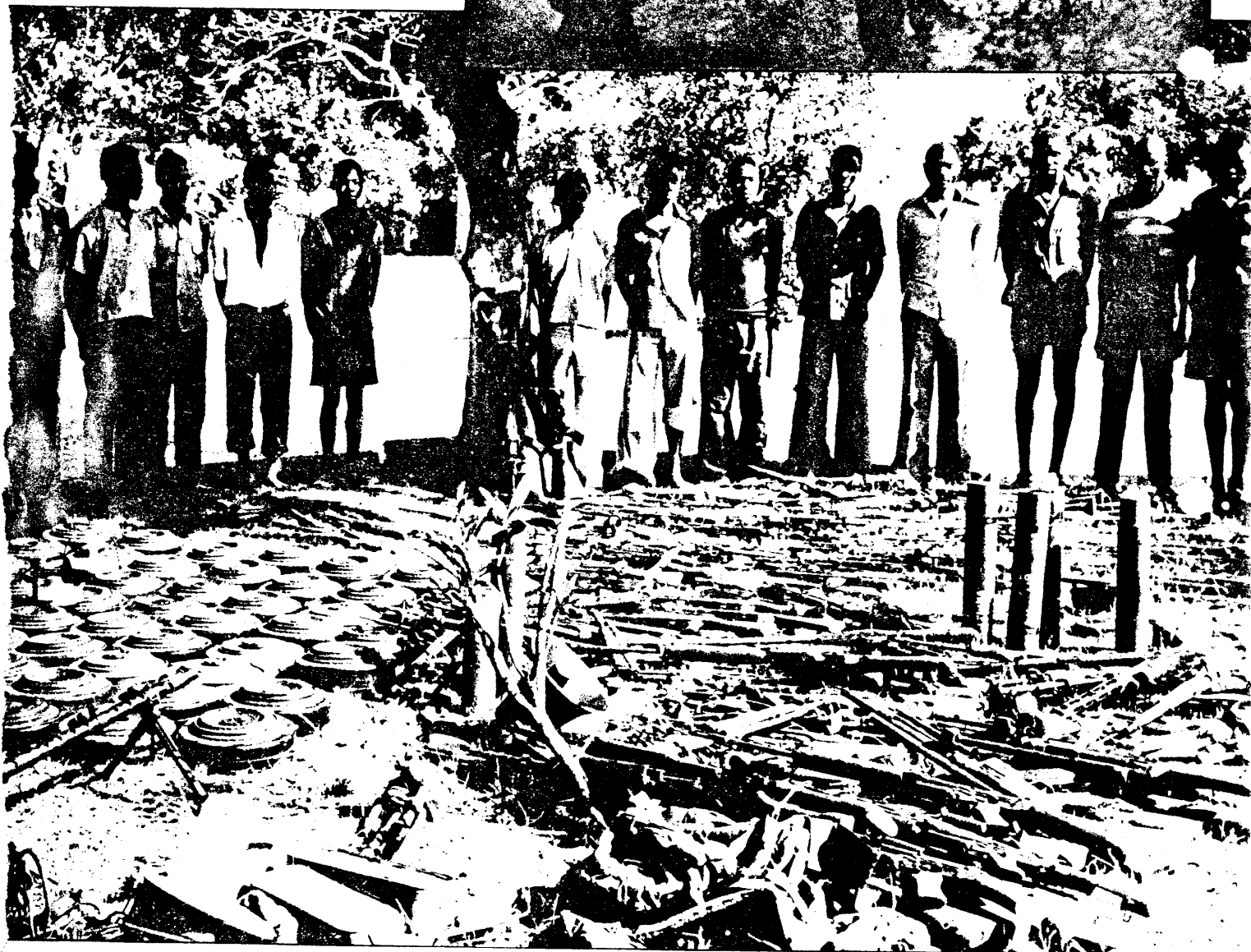
O acampamento principal dos Bandos Armados foi tomado pelas Forças Populares. Situado no Distrito de Funhalouro, localidade de Tome, o acampamento de Mambuili era considerado pela África do Sul e pelos próprios bandidos como inexpugnável. Mambuili (corruptela de Mambyili, grafia que usamos neste e noutros textos) representa um rude golpe contra a estratégia e logística dos bandidos a soldo de Pretória.

O nosso colaborador escreve:

Texto de Jacinto Khosso



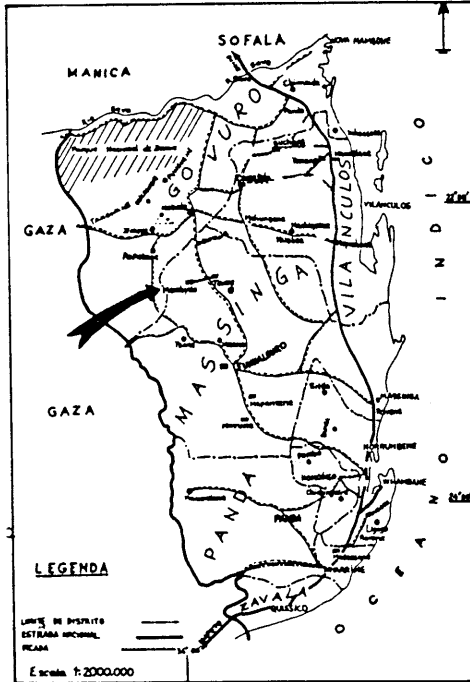
Ao lado: Aspecto da coluna das FAM em marcha para o assalto ao acampamento dos bandidos em Mambyili. Atrás dos soldados vinham os camiões com viveres. Em baixo: Bandidos capturados bem como material de guerra.



Da cidade capital de Inhambane partimos de avioneta para a localidade de Mabote. Aqui já havia estado dois anos atrás. Após algumas voltas pelos caminhos e zonas onde sabia ir encontrar caras conhecidas constatei com agrado o desenvolvimento que se operou no espaço compreendido entre os dois anos que separam a minha primeira estada.

Aquilo que era o embrião de uma aldeia comunal é hoje uma urbe grande com ruas e casas majestosamente edificadas. Chama-se Josina Machel e alberga centenas de famílias. As crianças e alguns adultos que há dois anos olhavam-me atónitos quando lhes falava em português, sorriam-me quando na mesma língua lhes dirigia perguntas e palavras amigas. Algumas com solidez, outras timidamente já me sabiam dizer «sim senhor», «sou eu...», «não está», «é ali...», «foi buscar água»!

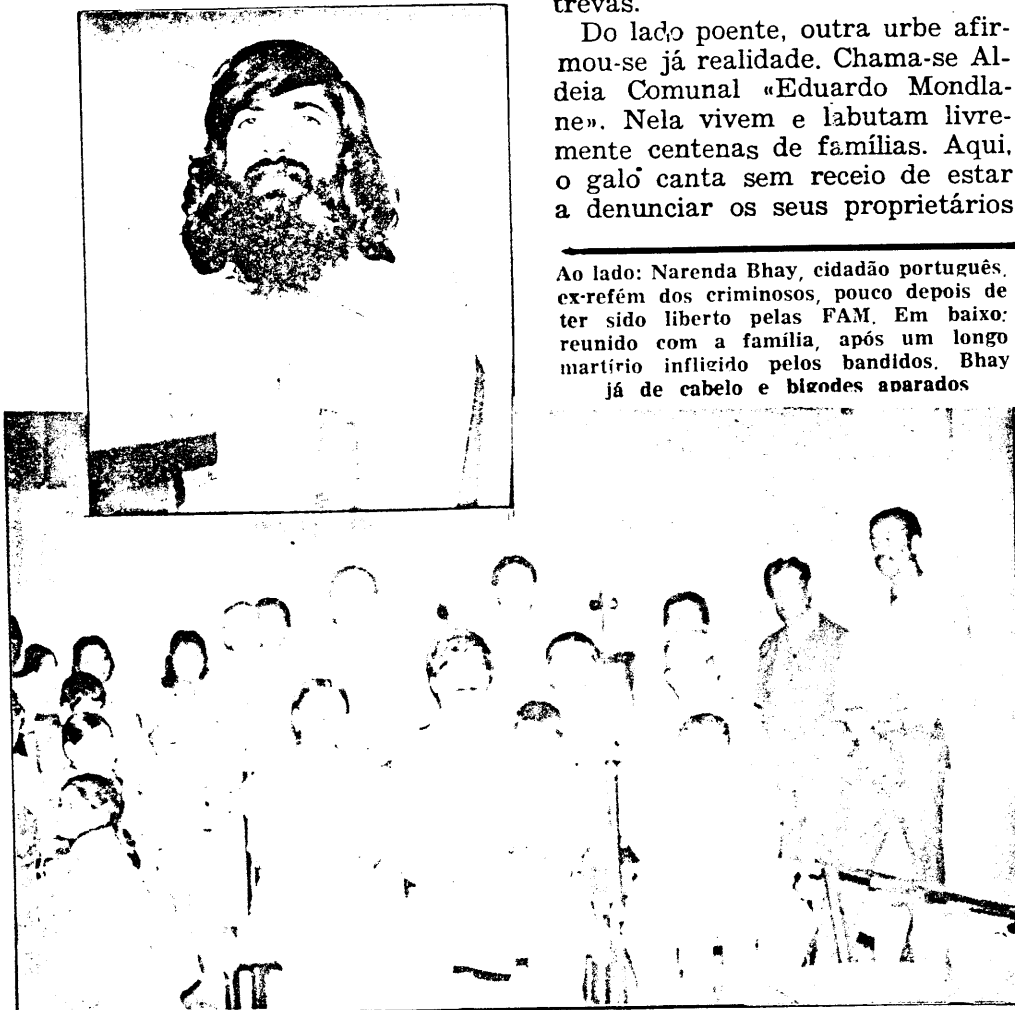
A escola conhece uma avalanche sem precedentes na história



daquela localidade. Frequentam-na centenas de crianças há dois anos arrancadas do terror e da indignidade semeada pelos bandos armados. Aqui, a Luz rasga as trevas.

Do lado poente, outra urbe afirmou-se já realidade. Chama-se Aldeia Comunal «Eduardo Mondlane». Nela vivem e labutam livremente centenas de famílias. Aqui, o galó canta sem receio de estar a denunciar os seus proprietários

Ao lado: Narendra Bhay, cidadão português, ex-refém dos criminosos, pouco depois de ter sido libertado pelas FAM. Em baixo: reunido com a família, após um longo martírio infligido pelos bandidos. Bhay já de cabelo e bigodes aparados



à horda dos assassinos de Pretória. Em Mabote, o bandido encontrou sepultura!

A CAMINHO DE TOME

Jantámos cedo. Longa caminhada nos esperava. Eram 20 horas e 30 minutos quando nos preparámos para iniciar a marcha. O Comandante do Sector havia-nos informado que uma coluna com destino a Tome ficaria à nossa espera a 35 quilómetros do nosso ponto de partida.

21 horas do dia 21 de Setembro de 1983 partimos ao encalço da coluna. Caminhámos toda a noite e toda a madrugada. Às 6 horas já tínhamos alcançado as viaturas que constituíam a coluna com a qual iríamos até Tome. Ainda tínhamos à nossa frente outros trinta e poucos quilómetros. Por volta das 12 horas e 45 minutos chegámos ao nosso destino.

Aqui, a vida da população local entrou já na sua madrugada. As noites de terror são já parte do seu passado histórico. A certeza no futuro nota-se nos sorrisos abertos e na espontaneidade com que se abrem para nos relatar os sofrimentos impostos pelos bandos armados. «Aqui, quem tinha direito a comida eram eles. Eu tinha muitas cabeças de gado, mas hoje nem uma única cabeça tenho. Os bens que me restam são a minha mulher e os meus filhos. As poucas galinhas e cabritos que tinha também me foram tirados. Até o xikutso que a custo conseguimos arranjar para a nossa sobrevivência eles vinham tirar deixando as crianças sem nada. O sofrimento por que passámos não tem comparação possível. Eu creci até esta idade sem saber que se podia comer pele de boi ou de cabrito, mas os bandos armados davam-nos isso como alimento depois de comerem a carne dos nossos animais» — testemunho de Alexandre Julai Mbanguine, camponês de 43 anos de idade, pai de 6 filhos. Residia a cerca de quilómetro e meio do acampamento de Mambyili, localidade de Tome, ora assaltado e ocupado pelas gloriosas FAM - FPLM.

Naquilo que em tempos foi a povoação comercial de Tome fomos presenteados por um tal esta-

do de degradação sem qualificação. As infra-estruturas então existentes foram selvaticamente depredadas. Daquilo que foram as instalações dos estabelecimentos comerciais e da veterinária não restam senão paredes — porque feitas de cimento —, as portas foram arrancadas para servirem de camas, onde os bandidos alinhavam as suas costelas depois de abusarem, violarem, saquearem e assassinares mulheres, crianças, velhos e cidadãos indefesos. Dos vidros nem falar, pois os aros que em tempos os suportaram assaram não se sabe que milionésimo boi ou cabrito!

A baixeza da sua moral indicava-lhes que o sítio mais apropriado para defecarem eram os quartos das casas de alvenaria e na loja. Até à nossa chegada, os quartos cheiravam ainda a excrementos, não obstante o aturado trabalho de limpeza realizado pelos nossos soldados.

MAMBYILI O TIGRE DE PAPEL

A sete quilómetros da zona comercial (TOME) erguem-se umas formações de quatro estacas, co-

bertas com restos de pára-quadras, a que chamavam casernas. Uma desorganização sucessiva destas choças formavam aquilo a que a imprensa imperialista apelidava de Base Central Interprovincial. São construções — na falta de outro termo —, pré-históricas, tão débéis como a mentalidade que lhes guia e orienta. Apesar de não disporem de qualquer espécie de paredes à sua volta, exalam um odor execrável, vulgarmente conhecido por «catinga». O chão onde chafurdavam apresenta-se negro, oleoso como se houvesse sido matizado e untado de azeite. São gerações e gerações de suor e imundícies!

Na zona onde se acoitavam os chamados chefes do bando, haviam sido construídas umas cabanas que no meio das restantes eram mesmo um luxo: um buraco quadrangular com cerca de um metro de profundidade e coberto de colmo era onde os chefes reuniam e traçavam os planos de sabotagem. No seio dos bandidos este buraco dava também pelo nome de Casa Preta, construída debaixo de uma árvore de Jambire. De acordo com o testemunho de vários cidadãos, nacionais e estran-

geiros raptados pelos bandos armados e libertados pelas FAM-FPLM, neste buraco era também onde dormiam os instrutores «boers» e, segundo ainda o mesmo testemunho, a zona onde se situa o referido buraco estava interdita ao bandido comum. Com efeito, a referida zona dista das demais estacarias de cerca de cem metros para cada um dos quatro lados do abrigo. O buraco mais próximo desta zona é o paiol, o qual se encontrava repleto de material de guerra. Nas vésperas do ataque ao acampamento de Mambyili, aviões sul-africanos haviam largado de pára-quadras uma quantidade estimada em cerca de nove toneladas, material esse que, a sua maioria foi capturado pelas FAM-FPLM aquando do assalto e ocupação do acampamento.

Na zona norte do acampamento, para além do poço de água cheio de imundícies, os bandos armados tinham construído um curral onde encarceravam os bois e cabritos roubados à população. Na zona sul havia um outro curral coberto a que deram o nome de cadeia. Aqui, os considerados prisioneiros de entre os demais prisioneiros dormiam amarrados e sem direito a aban-

Eduardo Regado Ribeiro, outro cidadão português ex-refém do covil banditesco em Mambyili, chora enquanto conta a sua odisseia à informação





Aparelho de rádio-transmissor, com o qual os criminosos entravam em contacto com aviões da RAS que os proviam de armas

... E O TIGRE ERA DE PAPEL ...

Com o assalto e ocupação do acampamento de Mambyili desfez-se a peça teatral montada pela propaganda imperialista, segundo a qual, ali, os bandos armados tinham edificado infra-estruturas sofisticadas que iam desde casas alcatifadas e com energia eléctrica até uma estação de rádio. Carros blindados e outros meios sofisticados que a imprensa propagandística do imperialismo criou para desinformar e confundir a opinião pública internacional. Contudo, a realidade vivida no local mostra que a alegação base central não passava de um tigre de papel.

Em Tome, de novo, o Sol volta a alumiar rostos alegres de gente recém-arrancada das mãos da morte. É esta gente que, não obstante ter de partir quase do nada se determinou a, no mais curto espaço de tempo, organizar a sua vida social. Para o efeito, uma aldeia comunal constitui o primeiro passo dessa organização porque «a nossa maior desgraça foi porque vivíamos longe um do outro. O bandido armado chegava à casa de uma família enquanto a outra dormia sossegada, longe de prever o perigo que lhe espreitava no sol seguinte» — assim se expressou a esposa de Alexandre Julai Mbanquine para mais adiante acrescentar que não mais queria continuar a viver naquela zona, longe dos

demais «o que eu sofri dificilmente me hei-de esquecer enquanto viver» — disse. «Já estou a construir a nossa casa na aldeia comunal» finalizou o chefe do agregado familiar.

É verdade que em Tome a vida está a renascer, mas renasce no meio de sérias dificuldades: a fome. «Logo após a expulsão dos bandidos desta zona, a tropa começou a organizar-nos. Fez listas dos materiais que nós necessitamos, enxadas e catanas, porque já não temos, os bandidos tiraram-nos tudo. As sementes que guardávamos foram-nas tiradas. A nossa terra é rica. Quando chove produzimos milho e algodão, mas há mais de três anos que não cai uma única gota» — disse Vasco Laice, de 54 anos de idade e residente na Aldeia Comunal de Tome.

O distrito de Funhalouro, onde se situa a localidade de Tome é, na parte sul da província de Inhambane, o mais assolado pelos efeitos da seca. Os poços são escassos. À procura da mínima quantidade de água que um pote pode conter, a população tem de caminhar no mínimo, mais de 40 quilómetros para o poço mais próximo. Os poços que outrora encurtavam as distâncias tiveram que ser abandonados devido ao facto de os bandos armados terem in-

donar o local, mesmo para a satisfação das necessidades mínimas. À esquerda do curral-cadeia havia um cercado onde todos os curandeiros e charlatães do acampamento se concentravam para fazer adivinhações. Nesta mesma linha situa-se o cemitério das motorizadas e bicicletas roubadas à população.

A noroeste da estacaria do que apelidavam de comando há uma casa de alvenaria que havia sido usurpada a um cidadão, ora fugido para uma zona mais segura junto das FAM - FPLM. A referida casa, de quatro divisões, longe de ser utilizada como dormitório, foi transformada em retrete, não obstante possuir milhões de vezes mais condições acolhedoras do que os pára-sóis feitos de pára-quadras sul-africanos onde dormiam.

É evidente em todos os sítios, a aversão que nutrem pelo progresso. Nada do que denotasse organização e bom gosto foi deixado intacto. O que não puderam destruir, depredaram, prostituíram. Nas paredes, palavras obscenas escritas a carvão desde três quartos da altura até ao soalho testemunham o nível da moral que lhes assiste. «Nunca vi selvajaria igual à dos animais que nos mantinham cativos em Mambyili» — disse Eduardo Regado Ribeiro, cidadão português raptado na localidade de Pandlane, distrito de Magude, província do Maputo e arrastado até à província de Inhambane.

A «prisão» que os bandos armados destinavam às suas vítimas: Um curral para seres humanos



A tática de instalação dos acampamentos

Em entrevista com o autor desta reportagem, o comandante das forças estacionadas em Inhambane explicaria qual a estratégia dos bandidos, dirigidos por Pretória, ao instalarem a sua principal base em Mambyili. Ele diria, referindo-se a este e a outros acampamentos:

«São acampamentos que tinham sido instalados com um fim concreto: Privar as populações de conduzir livremente a sua vida. Bloquear a realização plena dos planos e programas do nosso governo. Em resumo: sabotar a nossa economia. Esses acampamentos estavam localizados ou em zonas férteis, zonas com projectos económicos, zonas com projectos sociais. Esses acampamentos foram assaltados e ocupados.

Pande é uma zona eminentemente económica. E como não é segredo para ninguém, os patrões dos Bandos Armados sabem também que é nessa zona onde se encontram os jazigos de gás natural,

elemento valioso para a nossa libertação económica.

Na mesma área, os bandos armados tinham um outro acampamento na zona de Cometela. Cometela é uma das zonas onde estão em curso trabalhos de exploração de madeiras preciosas, outra fonte de captação de divisas para o engrandecimento da nossa economia. A missão deste acampamento era a de tornar impossível a exploração destes recursos económicos. O acampamento foi atacado, assaltado e ocupado, também no mês de Julho.

Na área de Tome foi atacado, assaltado e ocupado um acampamento (Mambyili) dos bandidos armados, localizado a 7 km da antiga povoação comercial. Ao atacar e acampar na zona, o inimigo tinha por meta as seguintes acções: 1.º cortar a comunicação entre Mabote e Funhalouro, pois a via, quer de Funhalouro, quer da serração de Teenane, passava por lá. 2.º porque a localidade de Funhalouro era a mais rica da província de Inhambane em cabeças de gado, outro tipo de recurso de relevante importância para a nossa economia. Para além da destruição também foram libertados cidadãos estrangeiros que haviam sido raptados. Na província, o inimigo está em debandada».

quinado as suas águas ao transformá-los em cemitérios. Com efeito, para obrigar a população a dar-lhes de comer em troca de água, de cujos poços se haviam apoderado, os bandidos armados atiravam para os poços corpos dos seus mortos e dos elementos da população que eles assassinavam.

Como consequência directa des-

ta situação, nas zonas supracitadas ergue-se o fantasma das doenças endémicas. A sarna e outras enfermidades decorrentes da subnutrição não deixam as crianças crescer. Definham-nas mental e fisicamente. E as medidas primárias dispensadas pelas estruturas da saúde militar, por si só não bastam. Importa que uma campanha

sanitária de largo espectro seja levada a cabo com vista a pôr termo a este mal.

As autoridades provinciais, do Partido e do Estado envidam esforços no sentido de abastecer as populações em géneros de primeira necessidade e, o primeiro abastecimento chegou connosco nos três camiões que constituíam a nossa coluna. São produtos provenientes do apoio internacional e do abastecimento nacional a que cada província tem direito.

As populações das zonas não afectadas e nas menos afectadas pela seca e pela acção dos bandos armados, recai a responsabilidade política, moral e patriótica de rentabilizar os terrenos cultiváveis, tirando deles o máximo do seu rendimento, para libertar da fome inimiga a parte do povo que vive nas zonas afectadas pela seca. «O corpo não pode ter boa saúde enquanto parte dos seus membros é vítima de graves enfermidades».

Membros das FAM num compartimento que servia de depósito de armas aos bandos armados em Mambyili

